

Milliet quer que Brasil faça acordo com FMI

O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, defendeu ontem à noite, na chegada do presidente José Sarney de Natal, um acordo com o Fundo Monetário Internacional, porque o FMI dispõe de US\$ 2 bilhões, em dinheiro novo, para oferecer ao Brasil. O acerto também abriria a possibilidade de um empréstimo de US\$ 1 bilhão do Japão", revelou.

Um acordo nesse sentido depende, entretanto, de uma "decisão política", que, no seu entender, deveria ser firmada como o apoio do Congresso Nacional, já que o Governo não pode assumir sozinho o ônus interno de uma atitude nesse sentido.

Milliet informou que na próxima semana segue para os Estados Unidos um grupo de técnicos brasileiros para prosseguir as negociações da dívida externa com os banqueiros privados. Não

precisou, entretanto, se o reinício dos entendimentos com os credores deveria apresentar uma conclusão até o dia 26 de outubro, quando os bancos estão obrigados a fechar os balanços.

Dificuldades

O presidente do Banco Central observou que o Brasil já conseguiu sua primeira grande vitória nessas negociações com os credores privados: a desvinculação dessa dívida dos entendimentos desenvolvidos com o Fundo Monetário Internacional, relação que os banqueiros resistiam em romper.

Contudo, segundo Milliet, as negociações com o Clube de Paris (constituído pelos bancos oficiais de financiamento do comércio exterior dos países industrializados) não têm sido favorecidas em nada. Ao contrário, os representantes dessas ins-

tuições vêm dificultando, a cada dia mais, o encaminhamento de uma solução. Eles recomendam, também, a passagem antes do Brasil pelo Fundo Monetário.

Para o Brasil, trata-se de uma questão delicada, porque é desse grupo de bancos que fluem os financiamentos para uma parte significativa do comércio exterior brasileiro. A suspensão dessas linhas de crédito complicaria as importações, e poderia ter reflexos altamente negativos também nas exportações brasileiras. O Clube de Paris dispõe, portanto, de um forte trunfo contra o Brasil.

Em compensação, a suspensão dos financiamentos dessas importações poderia gerar problemas para as indústrias fornecedoras dos próprios países de origem desses bancos. Por essa razão, será a última área de negociação do Brasil.